



**‘PRÁTICASTEORIAS’ EM ‘CONVERSAS’ FORMATIVAS NO ‘LUGAR VIRTUAL’ – VIVÊNCIAS EM REDES COM A PÁGINA @GRAM.POSITIVO E O FILME ‘NENHUM A MENOS’**

**‘THEMATICSPRATICS’ IN FORMATIVE ‘CONVERSATIONS’ IN THE ‘VIRTUALPLACE’ - NETWORK EXPERIENCES WITH PAGE @GRAM.POSITIVO AND THE FILM ‘NOT ONE LESS’**

MACHADO, Marcelo Ferreira <sup>1</sup>

CASTRO, Maria Cecília<sup>2</sup>

ROCHA, Renata<sup>3</sup>

LOBO, Thamy<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este artigo parte da necessidade, no tempo presente, de afirmar a importância dos usos de mídias sociais coletivas e os modos de criação que têm emergido de diferentes sujeitos, das mais diversas redes educativas em ‘espaçotempos’ cibernéticos, assim problematizaremos a partir da conta do Instagram @positivo e do filme chinês ‘Nenhum a menos’. Esse “lugar virtual” se mostra em sua potência atualizadora, lócus fértil para a criação de ‘conhecimentossignificações’ e de ‘práticasteorias’ formativas e educativas para ‘discentesdocentes’, usuários dessas tecnologias. Trazemos para debate, também, as tentativas de regulação do currículo dito “oficial” que tem sido subvertida pelos currículos praticados (OLIVEIRA, 2012), como aposta possível para os encontros virtuais. Fazemos uso desse ‘espaçotempo’ virtual para realização das nossas ‘conversas’ (ALVES, 2019, MATURANA, 2001).

1 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7845-7340>. E-mail: mar\_chado@hotmail.com

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2803-3432>. E-mail: mcecilias.castro@gmail.com

3 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2160-2302>. E-mail: renatarochaoliveira87@gmail.com

4 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2606-9642>. E-mail: thamy.lobo@hotmail.com



**PALAVRAS-CHAVE:** Ciberespaço; Conversa; Currículo; Cotidianos; Redes Educativas.

## ABSTRACT

This article stems from, in the present time, to affirm the importance of the uses of collective social media and the modes of creation that have emerged from different subjects, from the most diverse educational networks in cyber 'spacetimes'. So we will problematize from the Instagram account @gram.positive and the Chinese film 'Not one less. This 'virtual place' is shown in its updating power, fertile locus for the creation of 'knowledgemeanings' and formative and educational 'practices' for 'students', users of these technologies. We also bring to debate the attempts to regulate the so called "official" curriculum that has been subverted by the curriculum practiced (OLIVEIRA, 2012) as a possibility for virtual meetings. We make use of this virtual 'spacetime' to carry out our 'conversations' (ALVES, 2019, MATURANA, 2001)

**KEYWORDS:** Cyberspace; Conversation; Curriculum; Daily Life; Educational Networks.

## INTRODUÇÃO

A tecnologia aproximou os corações  
Vencida a distância chegam às informações  
O céu é o limite, hoje eu quero navegar  
E ter uma estrela como par  
(G.R.E.S Acadêmicos da Rocinha, 2005)

Em função dos usos<sup>5</sup> (CERTEAU, 2014) possibilitados pelos dispositivos móveis e pela difusão da internet em redes cada vez mais eficientes, puxamos '*conversas*'<sup>6</sup> acerca das "ambiências formativas" (SANTOS, 2018), que têm se

5 O emprego do termo "uso" é a partir da compreensão que Certeau (2014) faz, acerca os "consumidores" ou '*praticantespensantes*' (OLIVEIRA, 2012) dos cotidianos fazem "usos" diversos do produtos hegemônicos – de ideologias à computadores – e que criam tecnologias e '*conhecimentosignificações*' outros, necessárias à vida cotidiana.

6 As '*conversas*' se constituem em método de pesquisa, por isso é grafada em itálico e entre aspas simples, para que se faça a compreensão de que se trata de um modo de pesquisar com os cotidianos.



configurado como *‘espaçotempos’*<sup>7</sup> potentes de educação on-line. Precisamos falar também dos desafios atuais, que a velocidade da vida cotidiana nos coloca, primeiro enquanto humanidade e junto a este – não em segundo lugar – o desafio de nos percebermos como organizados socialmente em redes educativas complexas e diversas, cujas maneiras de ser, estar e perceber no/o mundo se intercambiam e cobram de nós o exercício contínuo de práticas de solidariedade, coletividade e, sobretudo, criatividade na superação desses desafios.

A pandemia do coronavírus, conhecido cientificamente como COVID-19, assola grande parte do planeta, deixando as populações mundiais sob o jugo da doença e nos fazendo perceber o quanto estamos conectados e que somos, todos, agentes e agenciadores de doenças, o que, por sua vez, nos tornam igualmente agentes e agenciadores de curas. Esta situação colocou a nós humanos, quanto espécies, em total estado de vulnerabilidade e, por sua vez, nos permitiu enxergar além das necessidades individuais e perceber que somente a organização coletiva e a criação de medidas preventivas e assistivas, serão capazes de bloquear a continuidade da propagação do vírus de modo acelerado e em larga escala, como temos visto acontecer.

Latour (2020) também analisa os impactos do vírus em outros contextos, ele aponta que:

Em questões de semanas, suspender, em todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar. A todos os argumentos apresentados pelos ecologistas sobre a necessidade de alterarmos nosso modo de vida, sempre se opunha o argumento da força irreversível da “locomotiva do progresso”, que era capaz de tirar dos trilhos, “em virtude”, dizia-se, “da globalização”. Ora, é justamente seu caráter globalizado que torna tão frágil o famoso desenvolvimento, o qual, bem ao contrário, pode sim ser desacelerado e finalmente parado (p.3).

Essa desaceleração tornou-se essencial, dentre as possibilidades principais e palpáveis, pelo menos a uma parte das pessoas - para evitar a propagação do vírus e o contágio de mais pessoas – que é o “isolamento

7 As palavras *‘espaçotempo’* aparecem unidas, pois representavam limites para as pesquisas com os cotidianos. Por isso, fizemos a união delas e de outras que aparecerão no decorrer do texto, como por exemplo: *‘conhecimentossignificações’*, *‘prácticasteorias’*, etc. Além da grafia em itálico e entre aspas simples, indicando que se trata das bases epistêmico-metodológicas da linha dos cotidianos.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

social”<sup>8</sup>, situação que vivemos no presente e altera os modos de ser, estar e compreender o mundo. A alteração da rotina de parte da população mundial e reduz em grande parte, um dos “direitos inalienáveis do homem”<sup>9</sup> e que todos usamos, via de regra: “o direito de ir e vir”<sup>10</sup>, ainda que o “isolamento social” seja uma orientação e não se constitua, ainda, em uma determinação legal. Com isso, muitos não foram ao trabalho, à escola, à empresa, à academia, ao cinema, ao teatro, ao museu, às escolas/universidades, entre outros.

Entretanto, em meio a toda essa desregulação, as demandas da vida “institucional” têm colocado desafios para educadores e educadoras das diversas redes educativas brasileiras que, por orientação dos respectivos órgãos reguladores diretos ou pela necessidade da continuidade de suas pesquisas, são desafiados a reinventar suas práticas educativas com o auxílio vital das mídias sociais.

Estamos na iminência de viver a educação que só pode acontecer na troca e no ‘*aprenderensinar*’ entre sujeitos preocupados e afinados com o bem comum, ou seja, com a própria vida, mas para tal precisamos também escapar dos discursos mercadológicos que tentam se apropriar de nossos processos criativos e da potência formativa que os ciberespaços têm, juntos aos ‘*docentesdiscentes*’ de diversos ‘*espaçostempos*’.

Instigados a compor essa edição, sob o mote “Ambiências formativas ‘*espaçostempos*’ de invenções e formação docente”, nos propusemos a pensar as seguintes questões: quais tentativas regulatórias do currículo, dito oficial, são tensionadas na atual conjuntura? Quais criações curriculares são vivenciadas nas ambiências formativas dos ‘*praticantespensantes*’ no presente? Quais ‘*conhecimentossignificações*’ estão sendo produzidos nos ciberespaços formativos dos ‘*docentesdiscentes*’?

---

8 O isolamento social foi deliberado pelo Ministério da Saúde, segundo a portaria nº 356 de 11 de março de 2020, seguindo o protocolo emergencial contra o coronavírus, de demanda internacional. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em 08 abr. 2020.

9 DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR.Translations/por.pdf> Acesso em: 08 abr. 2020.

10 Art.5º da CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 08 abr. 2020.

**QUE ‘PRÁTICASTEORIAS’ E PARA QUAIS “REALIDADES”?**

Para continuarmos nossa ‘conversa’ é importante dizer que ela é o principal *lócus* de pesquisa nos estudos com os cotidianos. Elas apostam “na criação de diferentes sentidos para os acontecimentos vividos cotidianamente”. (FERRAÇO e ALVES, 2019, p.41-42). Dando continuidade à nossa reflexão acerca do tema, gostaríamos de informar aos leitores que este texto parte da compreensão e assente que fizemos do artigo “A formação com imagens” (2016) da Prof. Dra. Nilda Alves e da articulação que a autora faz no referido texto entre a formação ‘*docentediscente*’, as redes educativas e os cotidianos – a partir de Certeau (2014), especificamente no que tange a compreensão que a autora faz das crenças políticas, dos usos das mídias e das “realidades” criadas a partir da mídia. Acrescentamos ainda a contribuição de Certeau (2014) acerca dos usos e das táticas e estratégias criadas pelos indivíduos nos cotidianos.

No artigo citado Alves (2016), fala acerca da ideia de redes educativas que segundo a autora são “formadas pelos seres humanos em suas múltiplas e complexas relações e nas quais eles se formam com os outros [...] entendemos que em todas essas redes são formados ‘mundos culturais’ diversos” (p. 235-236- grifo da autora). E neste pensamento ela identifica e nomeia sete dessas redes. Para este texto, nos concentremos em quatro delas, a saber: redes das ‘*prácticasteorias*’ da formação acadêmica; a das ‘*prácticasteorias*’ pedagógicas cotidianas; a das ‘*prácticasteorias*’ das pesquisas em educação e a das ‘*prácticasteorias*’ de produção e ‘usos’ de mídias, esta última nos debruçaremos mais e dá origem, em parte, ao pensamento aqui desenvolvido, cabe inclusive aqui, uma ressalva quanto à “produção” das mídias, que hoje a autora entende como criação de mídias e artefatos (ALVES, 2019).

A autora se dedica a pesquisar/estudar/narrar as práticas cotidianas, com seus sons, imagens e movimentos em diversos artefatos culturais, como o audiovisual e as literaturas, acerca disso a autora faz breve explicação:

Trabalhando há anos com imagens e sons, em diversos artefatos culturais, pudemos perceber a intensidade com que umas e outros se articulam nas vidas de todos nós e os modos como atuam na formação dos seres humanos. (ALVES, 2016, p.236)

Na ocasião de escrita do texto, a autora tentava compreender os acontecimentos em torno das manifestações políticas que ocorriam no Brasil durante o processo de *impeachment* do 2º mandato da então presidenta Dilma



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

Rousseff (2015-2016), a partir das imagens e som-vozes, que circulavam nas redes sociais, em especial no *Facebook* e como este artefato tecnológico e cultural, se torna um dos principais meios de organização das manifestações em favor do *impeachment* e de articulação para destituição da ex-presidenta do mandato. A autora também chegou ao entendimento que essas redes se constituem em importantes ‘*espaçostempos*’ de formação política e humana, imbuídas pela “maneira de crer” (CERTEAU, 2014) que as mídias hegemônicas instituem como “realidades” para as pessoas. Reafirmando a ideia de que os conhecimentos, nos estudos com os cotidianos, se dão em redes diversas.

Entretanto, pensamos que é importante atualizar o pensamento da autora, no que concerne à escrita. Em pesquisas mais recentes acerca dos movimentos epistêmico-metodológicos com os cotidianos, ela entende que as ‘*prácticasteorias*’ são criações cotidianas e não produção, o que incute o papel coletivo dessa criação, rejeitando a ideia de um produto/produtor, pois sua autoria estaria atrelada possivelmente a um único “fabricante”. O entendimento também se dá no sentido de que o modo de pensar precisa estar em acordo com a escrita, rompendo com os modos cartesianos de pensar e pesquisar em Ciências Humanas e Sociais. Essa atualização que fazemos também está de acordo com o pensamento de Certeau (2014), quando fala da “produção” no cotidiano em seu livro “A invenção do Cotidiano - 1. Artes de fazer”.

Para Certeau (2014), o que importa são as criações cotidianas dos “consumidores” – esse é o modo como ele trata os sujeitos dos cotidianos, rejeitando a categoria de “dominados”. Ou seja, o que as pessoas que usam os produtos fazem com eles, diferentemente do que foi estabelecido por quem fabrica, importa mais, porque o sistema de produção “não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos” (p.44 - grifo do autor).

### **AS ‘PRÁCTICASTEORIAS’ DE PRODUÇÃO E ‘USOS’ DE MÍDIAS COM O @GRAM.POSITIVO**

Nesse sentido, o uso é autônomo e público, ainda que existam regras para toda e qualquer utilização, como estamos vendo acontecer, por exemplo, na rede social *Instagram*<sup>11</sup>. Usuários da rede tem compartilhado informações de

11 Instagram: é uma rede social, organizada pela mesma empresa do Facebook, onde prevalecem fotos em que os usuários compartilham, seguidas de uma legenda. Os usuários da rede podem curtir e comentar essas publicações nos perfis públicos. Nos perfis privados, somente usuários aceitos como “seguidores” pelo proprietário da conta podem





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

cunho científico, sobre a pandemia do coronavírus como, por exemplo, o perfil nomeado de “Gram Positivo”, que traz conteúdos da microbiologia desde 2018, a partir de ilustrações simples e didáticas, ainda que o intuito do usuário da página não seja acadêmico ou educativo, mas informativo acerca dos temas relacionados à Biologia.

O autor, que se identifica como Nilson Floro e se apresenta como médico e mestrando, justifica a criação da página como um “puro drama microbiológico”, afirma que o projeto nasceu a partir dos desenhos que fazia na carteira da faculdade. O perfil teve sua primeira publicação em 04 de março de 2018 e nela o autor diz que o perfil se trata de:

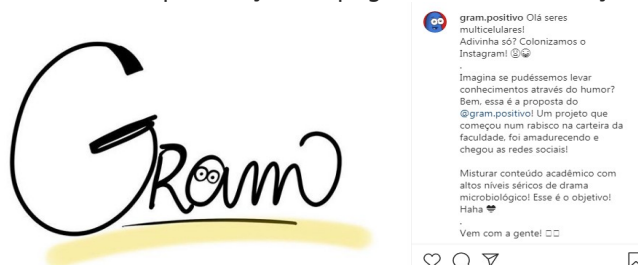
[...] um projeto que começou num rabisco na carteira da faculdade, foi amadurecendo e chegou às redes sociais! Misturar conteúdo acadêmico com altos níveis sérios de drama microbiológico! Esse é o objetivo! Haha” (Gram Positivo. Acesso em 05 abr. 2020)

Imagem 1- Perfil @gram.positivo - Biografia



Fonte: Imagem capturada no perfil<sup>12</sup>

Imagem 2- Primeira publicação da página em 04 de março de 2018.



Fonte: Imagem capturada no perfil

visualizar e interagir com as publicações.

<sup>12</sup> Todas as imagens foram capturadas no perfil “Gram Positivo” e estão disponíveis em: <https://www.instagram.com/gram.positivo/?hl=pt-br>. Acesso em 08 abr. 2020.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

A página conta 49 publicações e 106 mil seguidores que acompanham os *posts* e postagem - nomes que indicam uma publicação na internet - e interagem através de *likes* - termo utilizado para indicar curtidas ou aceitação de uma publicação nas redes sociais - com comentários diversos, que demonstram grande receptividade dos usuários, que agradecem as explicações.

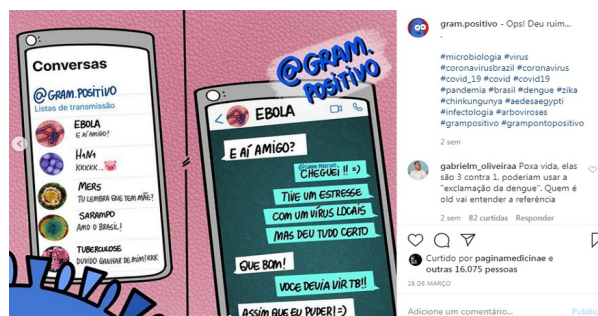
Em 18 de março foi feito o primeiro *post* sobre o coronavírus no Brasil, sexto dia após o início de estado de “isolamento social”, indicado pelo Ministério da Saúde. Nesse *post*, em dez cenas, a ilustração conta a chegada do novo vírus e o respectivo encontro entre ele e outros já existentes no Brasil: o vírus da Dengue, o Zika vírus e o Chikungunya. O coronavírus é recebido e ouve que “não será tão fácil o contágio porque eles estariam aqui há décadas”. A cena termina com o sucesso do vírus que se instala e avisa, através do aplicativo de mensagens Whatsapp, ao vírus do “Ebola”, que “está tudo bem e que ele deveria vir também para o Brasil”. Essa publicação contou com mais de 16.000 curtidas.

Imagem 3- Post - Chegada do coronavírus - cena 1



Fonte: Imagem capturada no perfil

Imagem 4- Post - Chegada do coronavírus - cena 10



Fonte: Imagem capturada no perfil





As ilustrações das cenas são coloridas e atrativas aos internautas, os diálogos são curtos e diretos. Utilizando linguagem informal em todo o tempo, articula os pensamentos e discursos que circulavam no presente, associando as explicações científicas de forma simples e pontual. O principal discurso que rondava na ocasião, era sobre um possível “exagero” que redes de TV hegemônicas traziam sobre o vírus, já que no Brasil vivemos com tantas outras endemias graves e que levavam a mais mortes do que o visto com o COVID-19, em outros lugares do mundo. A questão climática e característica populacional dos infectados e mortos pela doença em Roma, na Itália (cujo número de infectados e mortos é o maior em relação aos países atingidos ainda no momento de escrita deste texto, seguido pela Espanha), também foram colocados em pauta para amenizar a situação no Brasil e minimizar a gravidade da doença.

No dia 21 de março, o perfil faz nova publicação acerca do surgimento do vírus na China. A publicação vem ao encontro de nova polêmica criada nas redes sociais entre o deputado federal Eduardo Bolsonaro<sup>13</sup> (PSL/SP), através de uma publicação em outra rede social no dia 19 de março, que culpabilizava a China pelo avanço do vírus no mundo. O deputado compartilhou um *post* que associava a culpa da pandemia ao Partido Comunista Chinês e gerou uma crise diplomática com a China, já resolvida. Nessa publicação, o perfil Gram Positivo explica o surgimento do vírus em 11 cenas primorosas, contextualizadas cronologicamente, para que um leitor virtual possa entender parte da polêmica.

Ainda que não concordemos que os acontecimentos se deem cronologicamente nos cotidianos e possam ser explicados de forma linear, sintética e categorizada, já que pensamos os ‘*espaçotempos*’ como múltiplos e complexos, a publicação chega ao internauta de forma direta e eficiente, cumprindo o papel “informativo” que se propôs.

Essa publicação contou com mais de 100 mil *likes* e mais de 3 mil comentários. Entre os comentários, percebemos a presença de professores, que diziam o quanto aquela publicação seria útil para ilustrar as aulas e ampliar os temas abordados, especialmente no novo modelo de ensino remoto emergencial que foi adotado pelas redes privadas e públicas de ensino desde 30 de março, após fim do recesso escolar de julho, que foi antecipado para o período de 13 a 29 de março, em decorrência do isolamento social.

13 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/19/declaracoes-de-eduardo-bolsonaro-contr-a-china-repercutem-entre-os-senadores>. Acesso em 08. Abr. 2020.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

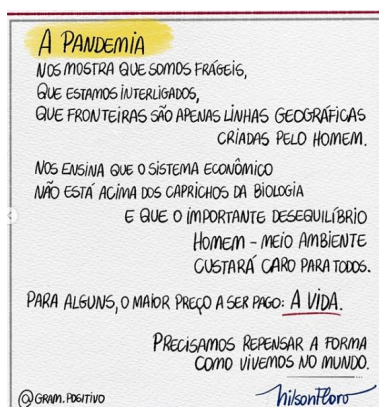
Imagem 5 - O surgimento do COVID-19 na China - Cena 1



Fonte: Imagem capturada no perfil

O *post* traz novamente a organização histórica de modo cronológico, como já falamos, explicando o que se sabe - pouco - acerca do surgimento e desenvolvimento do vírus na China. Ele inicia falando acerca da escassez de alimentos e na aposta em incluir nas dietas animais selvagens, como substituto econômico e alimentar para a população mais pobre. A legalização desse tipo de atividade popularizou o comércio de animais selvagens, que foram criados em cativeiros e agrupados, o que não acontecia na natureza. Esse tipo de comércio facilitou a transmissão de vírus entre animais que não convivam juntos, como o pagolim e o morcego, cujos vírus em contato, originaram o COVID-19. A publicação é encerrada com uma importante reflexão acerca do tempo presente e da pandemia e na legenda do *post* Nilson Floro (2020) escreve: “O conhecimento é uma vacina eficaz”.

Imagem 6 - Justificativa da pandemia - cena 11



Fonte: Imagem capturada no perfil



Em meio a esse cenário, de pandemia e isolamento social, o *'espaçotempo'* cibernético se mostra com grandes possibilidades formativas, informativas e educativas. *'Conversamos'* com nossas redes (sociais ou não) através das tecnologias, com ela, ainda partilhamos saberes e informações, sempre alerta com as chamadas *fake news*, ou seja, notícias falsas ou parciais. É necessário, sempre, verificar as informações com os meios responsáveis. Ou ainda criar novos modos de interpretação de opiniões políticas ou pessoais sobre dado tema, escapando dos discursos midiáticos, tidos como "verdadeiros" ou que revelam a "realidade".

A quantidade de visualizações, os *likes* e os comentários no Gram Positivo mostram a potencialidade das mídias sociais na contemporaneidade, sendo possível a troca e ampliação de nossos *'saberesfazer'* e a tessitura de *'conhecimentossignificações'* em um aplicativo, cuja finalidade inicial é de entretenimento, mas que dependendo dos usos que empregamos, podem contribuir em nossos processos formativos, indo além das maneiras usuais. "É preciso uma escrita para além da já aprendida" (ALVES, 2008, p.30), combinando com a criatividade e utilização de novos formatos de *'aprenderensinar'* que evocam maneiras diferentes de criação e disseminação da ciência e dos conhecimentos.

### ***'PRÁTICASTEORIAS'* PEDAGÓGICAS COTIDIANAS – AS CONVERSAS**

Uma experiência deixa marcas. Uma experiência muda nossos rumos, nossos sonhos, nossas vidas. Uma experiência também surge como uma porta que se abre e nos apresenta novas possibilidades de caminhos. Nossas experiências são a essência de nossas narrativas. Podemos contar ou descrever uma vivência, um fato, um acontecimento. Mas quando narramos uma experiência convidamos outros seres humanos a compartilharem conosco de nossa humanidade. Narrar uma experiência é abrir-se ao encontro (...). (SERPA, 2018, p. 100)

Nesta parte do artigo, vamos contar como usamos o *'espaçotempo'* cibernético para as *'conversas'* tão ordinárias, que realizamos em nosso grupo de pesquisa. Devido a todos os acontecimentos acima mencionados, estamos impossibilitados de nos reunirmos presencialmente, assim, os encontros virtuais - tão necessários! - foram recorridos para darmos continuidade as nossas criações acadêmicas. Chamamos neste artigo de *'lugar virtual'* o



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

'*espaçotempo*' do nosso encontro. Foi nessa ambiência que vivenciamos a experiência das nossas trocas, dos '*saberesfazer*' e '*conhecimentossignificações*', com todas as comutações imagináveis e possíveis e com algumas limitações.

Não há novidade ou descoberta no que estamos fazendo neste momento. Pois esse 'lugar virtual' já é usado há bastante tempo em reuniões de empresas, no ensino à distância, atendimento clínico ou psicológico, entre tantos outros usos possíveis, no entanto, para o nosso grupo seria uma experiência nova. Atravessar um campo desconhecido, cheio de barreiras e com múltiplas possibilidades. Conforme nos aponta Santos e Weber (2013):

a cultura contemporânea vem impulsionando o surgimento de novas possibilidades educacionais a partir das tecnologias digitais em rede associadas aos usos dos dispositivos móveis, provocando mudanças em relação ao paradigma de '*aprendizagemensino*'. Essas possibilidades educacionais se fazem sentir tanto na modalidade presencial física quanto na modalidade online. Desenvolver práticas educativas associadas às tecnologias digitais em rede é um desafio que se coloca, uma vez que ter acesso a essas tecnologias não é suficiente, é preciso saber como usá-las para promover situações de '*aprendizagemensino*'(p.44).

Dentre os muitos aplicativos existentes, escolhemos um e compartilhamos com o grupo, agendando uma data e hora para o encontro - decidimos manter o dia e horário dos encontros presenciais. Nesse momento, começaram as primeiras limitações acerca do 'lugar virtual'. O grupo conta atualmente com vinte e um membros. Um dos integrantes não conseguiu participar do encontro por falta de um artefato tecnológico - computador. Outros tiveram problemas relacionados à internet - é necessária uma boa velocidade de dados. Outros, ainda, apresentaram algumas dificuldades em seus usos, estando conectados à plataforma: som, microfone e câmera para captação da imagem.

Neste contexto, nos indagamos: quais são os limites existentes para acessar esse 'lugar virtual'? Diante das desigualdades econômico-sociais diagnosticadas, acessá-lo já seria limítrofe. Ademais, é notório observarmos as dificuldades de manuseio das tecnologias inerentes a cada um. Fazemos usabilidades desses elementos de modo muito artesanal, para atender nossas necessidades diárias. É natural que diante destas circunstâncias encontremos muitos imbrólios.



A maior parte dos *'praticantespensantes'* de nosso grupo de pesquisa são professores e atuam na educação básica das redes públicas e privadas de ensino. Nas *'conversas'* eles narram as experiências nos ciberespaços educativos profissionais, como estão aprendendo a lidar com a demanda de isolamento social - inteiramente necessário. As escolas em geral, aderiram às aulas on-line, para dar continuidade ao ano letivo.

Portanto, está sendo necessário que os professores aprendam a lidar com as plataformas virtuais e encontrem novos modos de comunicar suas aulas. Uma das *'praticantespensantes'*, chegou a dizer que está com dificuldades em encontrar um modo de falar, especialmente porque é professora da educação infantil. Na *'conversa'* ela diz: "não sei como falar, tudo que faço é lembrando os *youtubers*<sup>14</sup> nos canais infantis dos quais vejo minha sobrinha assistir". Isso revela o uso das mídias na criação de *'práticasteorias'* para sanar necessidades pessoais e, indo mais além, como possibilidade formativa na atualidade, reforçando que a formação se dá em diversas redes e continuamente (ALVES, 2016).

Dito isso, precisamos reafirmar também os méritos e as potências desse 'lugar virtual'. Em virtude dos cenários que nos deparamos, usar o *'espaçotempo'* cibernético foi uma grande conquista para o grupo. Diante do entreposto, realizamos nosso encontro com *'conversas'* - mesmo que em 'lugar virtual' - emaranhando fios que traçamos na coletividade. As experiências vivenciadas no 'lugar virtual' foram interpretadas por cada participante do grupo à sua maneira, inclusive para aqueles que não puderam participar. Entender as interfaces desses brasis tão desiguais também é formar um ponto de vista.

"O sucesso da conversa é a entrega" (SERPA, 2018, p. 114). Assim, os membros participantes do nosso encontro no 'lugar virtual' se propuseram a *'conversar'*. Esperar o tempo de fala de um e outro, entender os comandos em grupo, sendo ouvida com atenção e buscando falar quando pertinente. Se habituar ao novo *'espaçotempo'* foi uma tarefa aprendida em campo de batalha.

Larrosa (2003) acredita que a "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (p.21). Diz ainda o autor sobre essa experiência:

---

14 *Youtubers* são pessoas que criam conteúdos em vídeos, sobre diferentes assuntos, e compartilham na plataforma on-line YouTube. Em sua maior parte, são conteúdos de entretenimento e marketing de produtos.





é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar [...]; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza [...], falar sobre o que nos acontece [...], escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2003, p. 24).

Em outra *'conversa'* uma *'praticantepensante'* do grupo, compartilhou conosco a preocupação de uma das mães, cujo o filho está matriculado na creche pública na qual ela trabalha, que deseja fazer a impressão das atividades disponibilizadas pela rede de educação em uma plataforma on-line. Segundo ela, a mãe disse que "não tem impressora em casa, mas já conseguiu uma pessoa que fará a impressão de todo material pelo valor de R\$80,00". É importante ressaltar que se trata de uma instituição pública e a família do aluno necessitará recorrer a serviços privados e custeá-los para cumprir uma orientação dada pela rede de ensino. Adultos e crianças se apropriam das mais diferentes mídias sociais e com diferentes estratégias de usos. No entanto, é importante ressaltar que uma coisa é a popularização dos serviços de internet e outra coisa é a possibilidade de adesão. O *'lugar virtual'* também é um espaço de disputa e de tensões para os usuários que necessitam criar estratégia para usar todas as possibilidades e das redes hegemônicas que tentam vender seus produtos.

E assim, compactuando do pensamento de Alves (2016), entendemos que mesmo nesse *'lugar virtual'* foi possível criar muitos *'conhecimentossignificações'*, lidando com as dificuldades - sociais, tecnológicas e (des)encontros - e as possibilidades surgidas e evocadas a partir da experiência de transpor os cotidianos presenciais para os cotidianos virtuais.

## **PARA ALÉM DO FILME CHINÊS 'NENHUM A MENOS'**

Retomando as conversas realizadas neste *'lugar virtual'*, nosso grupo de pesquisa tem investigado o cinema como possibilidade de transformar questões sociais em questões curriculares. Buscamos o repertório de produções fílmicas que apresentam, como pano de fundo, discussões sobre



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

educação e escola e verificamos que é bastante ampla. Muitas vezes esses filmes se transformam em artefatos curriculares nos cursos de formação de professores com o intuito de fomentar ‘conversas’ sobre os processos de ‘aprendizagem ensino’, ‘práticas teóricas/práticas’, relação ‘discentes/docentes’ e os ‘espaços/tempos’ escolares. No que tange as questões audiovisuais, concordamos que:

A noção de audiovisualidades, que para nós amplia a tão celebrada liberação do pólo de recepção e da transposição de telas, indica a necessidade de pensar o audiovisual não apenas como um produto acabado, mas como um conjunto aberto e movente de práticas, de usos, invenções e apropriações que, em sua processualidade, é imprevisível, transversal, complexo, tático, híbrido, hipertextual, coletivo, nômade e multifacetado. Praticar audiovisualidades, conforme entendemos, implica os gestos de, ao mesmo tempo ou alternadamente, criar, produzir, subir e baixar vídeos em sites, divulgar, compartilhar, assistir, interpretar, recortar, remixar, anexar, salvar, colecionar, deletar e comentar narrativas imagéticas/sonoras do ordinário e do extraordinário, do vivido, do imaginado e do até então impensado. (SILVA, SOARES e COSTA, 2018, p.79)

Neste sentido, e por sugestão de uma ‘praticante pensante’ de nosso grupo de pesquisa, escolhemos - neste mesmo ‘lugar virtual’ - conversar com a película “Nenhum a menos” (1998). O filme tem a direção assinada por Yimou Zhang.

Imagem 7 - Cartaz do filme ‘visto ouvidos e sentido pensado’



Fonte: Imagens printadas pelos autores, no site: <https://eldoradocarajas.wordpress.com/>.  
Acesso em 06 de abr. 2020



A história do filme acontece numa pequena escola do campo, na aldeia Shuiquan, zona rural da China. Na trama, uma menina de 13 anos, chamada Wei, assume a responsabilidade de substituir o professor, no período de um mês, numa turma multisseriada. O professor da turma percebe o despreparo de Wei e faz uma recomendação prioritária a jovem: “nenhum a menos”.

Constatamos em nossas investigações que, diversos artigos, relatos de experiências e demais produções acadêmicas, são elaboradas a partir da análise, problematização, contextualização de películas que tratam sobre as questões educacionais nos ‘*espacostempos*’ escolares.

Berino (2012) apresenta reflexões sobre a mesma película escolhida por nosso grupo. Em seu texto, ele ressalta como a jovem do filme “torna-se professora”. Assim, como o autor, outras pessoas do grupo destacaram a superação da menina que, diante dos desafios docentes, transforma-se professora.

O filme foi assistido por cada um do grupo em suas residências devido ao isolamento social, utilizando artefatos tecnológicos diversos, de acordo com as nossas possibilidades. Alguns utilizaram o celular, outros o computador e também as televisões modelo *smarts*, que possibilitam acesso à internet.

Após uma semana da escolha do filme, nos reunimos no aplicativo ZOOM<sup>15</sup>, para conversar acerca do que ‘*vimosouvimosentimospensamos*’. Foram múltiplas, distintas e complementares as percepções dos ‘*praticantespensantes*’ acerca do filme.

Uma das primeiras características destacadas foi a postura da jovem que assume a turma. Decidida e firme, principalmente por precisar do dinheiro que receberia por substituir o professor por um período, mesmo sem experiência em ‘*espacostempos*’ escolares, se esforça para garantir às crianças, algum aprendizado. Muitos mencionaram durante a conversa, que enquanto as cenas do filme se desenrolavam, a personagem foi se tornando professora, essa formação foi ocorrendo nos cotidianos e suas demandas. Já para outras pessoas, há um incômodo nessa proposta, pois em alguns filmes a professora se torna uma heroína, alguém que esquece de outras características de sua vivência e só existe para resolver as questões escolares. Um clichê tão utilizado nos cinemas, como nos diz Guéron (2011):

---

15 A ZOOM Video Communications é uma empresa americana de serviços de conferência remota com sede em San Jose, Califórnia. Ele fornece um serviço de conferência remota que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel. E dois tipos de perfis, um gratuito e outro de assinatura mensal para ampliação dos recursos.



O clichê é um esquema redutor e padronizador dos afetos e das experiências de realidade em geral, instalando-se a partir de um processo de equivalências e compensações - sempre afetivas, sensório-motoras, físicas - e por isso funcionando exatamente como uma imagem-lei, uma imagem-moral: uma imagem padronizadora e determinadora de valores. (p. 245)

A trajetória da jovem professora no filme, sua busca incansável pelo estudante que precisou abandonar as aulas por questões financeiras de sua família, reforça a tendência de esperança, conforto e realização de todas as ações propostas no filme, como esperam, a maior parte dos espectadores, que aconteçam, ao assistirem uma película:

Em todo o caso, no que é majoritário e hegemônico, o que observamos é uma tendência de ir ao cinema para se ter exatamente as experiências que são previamente esperadas, como se fosse ir ao cinema apenas para se encontrar o clichê. E aí do filme se estas experiências não se confirmam nos primeiros dez minutos e algumas sensações estranhas começam a acometer o espectador. (GUERON, 2011, pág. 247)

Mesmo impossibilitados de frequentar cinemas, já que durante a pandemia encontram-se fechados temporariamente, muitos desejam esse conforto que o clichê nos oferece. Algumas pessoas mencionam que nesse momento de isolamento social, ao realizar escolhas de filmes para assistir, dão preferência aos considerados “leves”, ou seja, com temáticas positivas ou que ao menos, se forem apresentadas situações complexas, que haja uma resolução ao terminar a película, para que nesse momento de tanta incerteza que estamos vivenciando, haja um acalanto nas artes.

Outra característica apontada na *‘cineconversa’*<sup>16</sup> foi acerca da cena em que os jovens e a professora dividem dois refrigerantes, duas coca colas, um produto da marca que é um dos símbolos capitalistas da empresa que possui o mesmo nome de sua principal bebida. A professora e as crianças têm juntos a primeira experiência, pois não conheciam o gosto, mas sabiam da existência devido a propagandas. O que mostra as hegemonias estabelecidas pelo capitalismo, principalmente em países com base socialistas como a China.

16 Após assistirmos os filmes *‘coversamos’* em torno do que foi *‘sentidopensado’* pelos *‘praticantespensantes’*, tentando compreender os *‘conhecimentossignificações’* criados pelo filme e como este contribui para nossas pesquisas com os cotidianos. Esse movimento é diferente do cineclube, cujas características como roteiro e direção, são discutidos. Por isso, chamamos de *‘cineconversa’*.





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

Além desses, diversos outros destaques foram apresentados na *'conversa'*, afinal cada um que assiste ao filme, cria seus *'conhecimentossignificações'*.

Imagem 8 - Cena que os estudantes dividem a coca-cola



Fonte: *PrintScreen* do filme realizado pelos próprios autores

Outro aspecto interessante dessa plataforma on-line foi, durante o encontro, entender a dinâmica do aplicativo escolhido, o *ZOOM*. Ele amplia a imagem da pessoa que está falando no momento, permite desligar e ligar o microfone para que ruídos e sons paralelos não atrapalhem o fluxo das *'conversas'* e permite gravar o encontro, entre outras funções. É claro que o nosso grupo, que trabalha com *'conversas'* como metodologia de pesquisa e formação, entende que as *'conversas'* entre as *'conversas'*, que alguns consideram interrupções, até os silêncios, fazem parte e são importantes materiais de pesquisa a serem acumulados.

O artefato cultural e tecnológico, a plataforma *ZOOM*, é uma forma de nos adaptarmos e estarmos juntos nesse momento de isolamento social, então a usamos da melhor maneira que conseguimos.

A cena final do filme trouxe outras reflexões sobre a película. Apresentamos a imagem da cena neste texto para *'conversarmos'* com ela. Barbero (2000) trabalha com a ideia de que crianças e jovens possuem "facilidade de entrar e manipular a complexidade das redes informáticas"





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

(p.86). Ele ainda vai além, para o autor, os adultos muitas vezes “desvalorizam e tornam obsoletos muitos de seus saberes e habilidades” (p.86).

Imagem 9 - O retorno da professora à aldeia



Fonte: *PrintScreen* realizado pelos próprios autores

Percebemos, com esta cena, o fascínio que as tecnologias despertam nas crianças. Como já apresentamos, no desenrolar da história, uma criança da turma migra para a zona urbana em busca de sustento. Ao constatar a evasão do estudante, a professora substituta viaja para trazê-lo de volta, ela havia sido orientada pelo professor titular da turma quanto a não saída de alunos da turma, na frase que dá título ao filme: “*Nenhum a menos*”. Após cumprir com êxito sua missão, ela e o estudante retornam à aldeia, acompanhados por uma rede de televisão. Todo o aparato tecnológico causa curiosidade, expectativa e rebuliço nas crianças, o que reforça a análise de Barbero (2000).

Essa imagem nos provoca sobre a experiência vivida pelo grupo com os usos das ferramentas tecnológicas, em especial, o *ZOOM*. Para nós, há o desafio com o uso das tecnologias. Entretanto, coletivamente, ‘*ensinamosaprendemos*’ com os artefatos culturais e tecnológicos, a partir das experiências vividas e partilhadas. Cabe aqui retomarmos o que compreendemos como experiência. Utilizamos o termo no plural, experiências, por acreditarmos na diversidade e multiplicidade de sensações e afetos que a atividade de experimentar produz.



Como dissemos, acreditamos que as experiências se dão na relação com o outro, elas nada se assemelham a necessidade de comprovação de fatos, hipóteses e experimentos científicos. Trazemos novamente o pensamento de Larrosa (2003) e Serpa (2018) na compreensão de que a experiência é partilhar, doar, receber, olhar, sentir, ver, pensar, ensinar, aprender, ou seja, numa partilha de sens(ação) com o outro.

### **‘PRÁTICASTEORIAS’ DA FORMAÇÃO ACADÊMICA E DAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: PARA EFEITO DE (IN)CONCLUSÃO**

Após narrar os acontecimentos do presente - o cotidiano de isolamento social devido à pandemia do coronavírus, percebemos o quanto as mídias têm sido importantes *lócus* de ‘conversas’, de informação e formação. O *Instagram* propicia aos usuários, através de páginas como o Gram Positivo, informações relevantes à demanda atual e conectada com discussões que acontecem em suas redes ou em redes semelhantes. As ‘conversas’ on-line que temos vivenciado com o grupo tem sido importante caminho de formação acadêmica e de práticas pedagógicas cotidianas da forma como acreditamos que deva ser nos estudos com os cotidianos: implicadas pelos acontecimentos que nos cercam e nos tomam. Experimentamos os acontecimentos e, como que esses se dão juntos e com os processos sociais correntes, sempre tentando pensar além do que nos indica.

Essas “feituas de espaço” (CERTEAU, 2014, p.189), agora virtuais, nos evocam a pensar o que podemos “fabricar e fazer” em nossas ‘prácticasteorias’ das pesquisas em educação. Pois se por um lado, os órgãos reguladores deliberam o que deve ser feito com os currículos escolares, por outro os praticantes criam novas virtualidades curriculares, que tecem o currículo praticado (OLIVEIRA, 2012).

Essas múltiplas redes evidenciam o que Alves (2016) vem dizendo a tempos, acerca da formação de professores em redes diversas, que formam e que também por ela são formados. ‘Prácticasteorias’ se dão em redes sociais como o *Instagram*, em ‘conversas’ em grupos, com filmes - através de ‘cineconversas’ como já fazemos e também com os usos ofertados pelo ciberespaço como temos todos apreendido no presente.

Os processos de ‘ensinoaprendizagens’ de ‘doscentesdiscentes’ se dá especialmente na abertura para as relações - em redes, de muitas tessituras, que não se fecham, ao contrário, expandem-se como “astúcias de agir”



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

(CERTEAU, 2014, p.278), porque os espaços sociais, estratificados, são incontrolláveis (idib, p.278), assim como os 'lugares virtuais' na dinâmica do ciberespaço.

Deixamos o texto aberto, pela circunstância que o presente nos impõe, para avançarmos nas discussões aqui iniciadas ou refazê-las, pois tudo que escrevemos nos estudos com os cotidianos é provisório. Neste momento, torna-se ainda mais necessário reinventarmos o futuro, o que caberá também editar a escrita do passado, sob a premissa de que não são "verdades", mas "virtualidades", ou seja, são as compreensões que fazemos agora, do presente, não da realidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. *Decifrando pergaminho: o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 13-18. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar\\_lookup?title=Decifrando+o+pergaminho:+o+cotidiano+das+escolas+nas+l%C3%B3gicas+das+redes+cotidianas+Pesquisa+no/do+cotidiano+das+escolas:+sobre+redes+de+saberes&author=OLIVEIRA+In%C3%AAs+Barbosa+de&author=ALVES+Nilda&pages=13-38](https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=Decifrando+o+pergaminho:+o+cotidiano+das+escolas+nas+l%C3%B3gicas+das+redes+cotidianas+Pesquisa+no/do+cotidiano+das+escolas:+sobre+redes+de+saberes&author=OLIVEIRA+In%C3%AAs+Barbosa+de&author=ALVES+Nilda&pages=13-38). Acesso em 09 de abr. 2020.
- ALVES, Nilda. *A formação com as imagens*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – jun. out. 2016, p. 235-252.
- ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas* - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. S. Paulo: Cortez, 2019.
- BARBERO, Jesús Martin. *Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais*. In: FILÉ, V. Bataques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 83-112.
- BERINO, Aristóteles. *Nenhum a menos: tornar-se professora – Uma pedagogia dentrofora da escola*. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2012/09/19/nenhum-a-menos-tornar-se-professora-uma-pedagogia-dentrofora-da-escola/>. Acesso em 06 abr. 2020.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

GUERON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro/RJ: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), jan-abr 2003, (19). Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antecedentes>. Acesso em: 10 mar. 2017

LATOURETTE, Bruno. *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*. Tradução: Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MATURANA, Humberto. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

OLIVEIRA, I.B. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis, RJ: DP&A, 2012.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte & SANTOS, Rosemary dos. *Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura*. Rio de Janeiro: Redoc, v. 2, n.1, 2018, p.3. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/30589/23532>. Acesso em 08 abr. 2020.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. *A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais*. Teccogs n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013, p.42 -60.

SERPA, Andrea. *Conversas: possibilidades de pesquisas com os cotidianos*. In Org. RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa por que não?* - Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 93-118.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.50380

SILVA, Leonardo Nolasco.; SOARES, Maria da Conceição Silva & COSTA, Simone Gomes da. *A invenção de si, do outro e da diferença sexual nas telas do youtube: sexo e gênero como práticas culturais*. In: Filho, A; Berino, A; Soares, C. (orgs.). Educação e Audiovisualidades. Curitiba: Appris, 2018. p.75-92.

*Recebido em 21 de abril de 2020*

*Aceito em 17 de maio de 2022*



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons* - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.